

A análise nietzscheana da cultura moderna: crítica aos valores morais e à educação erudita

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar o posicionamento de Nietzsche acerca dos valores morais e da educação erudita como elementos da decadência na cultura moderna. Analisaremos os elementos da crítica com relação à moral do ressentimento e à educação erudita típica do sistema educacional na Alemanha do século XIX. Em caráter conclusivo, indicaremos o âmbito do sentido artístico e criativo na constituição de uma cultura autêntica. Trata-se, na concepção nietzscheana, de uma cultura embasada no cultivo das forças geradoras da vida e de nossa individualidade que se caracterizaria pela vontade de poder e criação artística.

Palavras-chave: Cultura; Moral; Educação; Arte; Liberdade.

ABSTRACT

The objective of this paper is to present the position of Nietzsche about moral values and erudite education as elements of decadence in modern culture. We will review the elements of criticism with regard to the morality of resentment and erudite education typical of the German educational system of the nineteenth century. Will indicate the scope of artistic and creative sense in building a genuine culture. It is, in Nietzsche's conception, of a culture based on the cultivation of generating forces of life and our individuality that is characterized by the desire for power and artistic creativity.

Key words: Culture; Moral; Education; Art; Freedom.

* Doutorando em Filosofia na Universidade de Coimbra (Portugal).

O texto aborda o posicionamento de Nietzsche (1844-1900) acerca da Modernidade e sua influência na contemporaneidade, elucidando, sobretudo, os elementos da crítica, no horizonte teórico deste filósofo, no que diz respeito, em primeiro momento, aos valores morais e a educação erudita típica dos estabelecimentos de ensino na Alemanha do século XIX e, em caráter conclusivo, à dimensão do sentido artístico e criativo na constituição de uma educação e cultura autênticas no pensamento nietzscheano. Um dos problemas mais gerais da filosofia de Nietzsche, a saber, a crítica dos valores morais, elaborada pelo autor em sua obra *Genealogia da moral*, remete ao problema do valor da vida em relação às possibilidades de cultivo e aperfeiçoamento do homem. Nietzsche nos pergunta se ainda podemos situar esta problemática, mesmo inseridos em uma cultura que há mais de dois mil anos domestica, nivela e estimula à irreflexão. Essa obra se caracteriza por uma crítica exasperada do racionalismo e dos valores constitutivos da cultura ocidental moderna da qual somos herdeiros. O cristianismo, a política, o valor de verdade, a lógica, a ciência, a educação erudita e memorativa, a concepção de indivíduo no interior da tradição metafísica e todas as idéias e práticas que, segundo Nietzsche, "acusam a vida" ao invés de promovê-la, revelam, em sua perspectiva, os sintomas de domesticação e nivelamento da cultura moderna.

Nietzsche possuía um profundo conhecimento da literatura romântica alemã de sua época e, ao mesmo tempo, de toda a cultura e filosofia ocidentais, particularmente da mítica da Grécia Clássica. É na tragédia grega que Nietzsche encontra sua maior inspiração a respeito da autêntica condição do espírito humano, tal como deveria ter se desenvolvido caso não fosse o comprometimento ocorrido com o racionalismo e a subjetividade que orientou o pensamento grego, com Sócrates e Platão, por exemplo, tendo como ponto

culminante, na tradição filosófica ocidental, o Iluminismo no século XVIII, onde todas as ações humanas, incluindo, aqui, a emancipação e a própria estrutura da pedagogia, deveriam ser orientadas pelo cultivo da razão/subjetividade. A respeito da condição do espírito humano, da qual falamos acima, Nietzsche faz uma contraposição entre o espírito dionisíaco e o espírito apolíneo. Em *O Nascimento da Tragédia* (1872), Nietzsche aborda a crise da subjetividade pela formação da identidade a partir das divindades artísticas dos gregos Apolo e Dionísio.¹ Para Nietzsche, o espírito dionisíaco representa a sensibilidade e as forças vitais do espírito humano que movem a existência como força de potência e como vontade, por sua vez, o espírito apolíneo representaria as belas formas, a lógica e a racionalidade matematizante pouco impregnada pelas forças vitais. O que caracteriza a cultura ocidental é, justamente, a opção pelo espírito apolíneo, como se a dimensão principal da existência humana estivesse baseada no conhecimento lógico e no uso exclusivo da racionalidade que, segundo Nietzsche, trata-se de uma racionalidade separada das pulsões, que se exprime através da autoconsciência e, nas palavras de nosso autor, da "[...] inabalável fé de que o pensar, pelo fio condutor da causalidade, atinge os abismos mais profundos do ser." (NIETZSCHE, 1988, p. 99). É isso que Nietzsche entende como o "grande equívoco" da cultura ocidental, pois tal racionalização comprometeu tanto a moral, a filosofia, a arte, a educação e a própria maneira da existência humana no transcorrer da cultura ocidental.

Modernidade e Decadência: a Crítica aos Valores Morais

Diante dessa constatação, acreditamos que Nietzsche propõe um projeto antropológico pautado no modelo antigo de homem

¹ Em *O nascimento da tragédia*, Apolo, deus pastoral, representa as belas formas, a medida e o mundo do sonho; Dionísio é o deus da natureza e do vinho, simboliza a fertilidade da terra. O mundo grego soube conciliar esses dois princípios numa obra de arte única: a tragédia. Nietzsche expõe, ao longo da obra, o processo de nascimento e de desaparecimento dessa grandiosa arte e demonstra simpatia para Dionísio, enquanto exaltação da vida e delírio místico, e acusa Sócrates de ser o homem teórico que introduz a crítica moralizante ao invés da sabedoria instintiva (Cf. HERMANN, 2005, p. 257).

homérico, ou seja, um modelo de existência que antecede a filosofia racionalista de Sócrates, Platão e Aristóteles e dos seus rumos no Medievo e na Modernidade. Trata-se, portanto, de resgatar o perfil de nossa existência a partir das forças profundas e instintivas inscritas na nossa natureza. Para tanto, Nietzsche exerce, em sua filosofia, uma crítica aos ideais iluministas de sujeito racional e sua valorização do conhecimento científico, e ao racionalismo do cristianismo e seus valores morais que enfatizam o lado fraco e subserviente do espírito humano – de um modo análogo ao escravo – na medida em que desvaloriza sistematicamente este mundo em favor de um outro mundo, o que provoca falsa espiritualidade. É nessa perspectiva que emerge sua crítica à religião, à moral, à educação, à verdade e que converge para o desmascaramento da tradição metafísica e da subjetividade que pretendem um fundamento estável e seguro. Deleuze afirma a grandeza que possui a dimensão da crítica na obra nietzscheana afirmando que Nietzsche nunca escondeu que a filosofia do sentido e dos valores deveria ser uma crítica. E, de fato, é o que podemos constatar, visivelmente, em *Genealogia da Moral*, quando Nietzsche aponta sua nova exigência:

Enunciemo-la, esta nova exigência: necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram [...] (NIETZSCHE, 1998, p. 4).

Neste ponto, buscaremos contextualizar o modo pelo qual Nietzsche elabora sua acentuada crítica aos valores morais. Na medida em que a crítica tem por objeto comum a moral e, portanto, tem por horizonte a capacidade intrínseca ao homem de produzir e expressar distintos modos de vida e

valores correspondentes – que, inclusive, se conjecturam na organização política e social –, não podemos afirmar que a crítica da moral, desenvolvida por Nietzsche, seria precisamente uma crítica à moral em si, mas à sua perigosa aclimação, sobretudo na religião e na política de cunho liberal e democrática, nos quais os sentimentos de segurança, a necessidade de pertencer ao âmbito da sociedade de paz,² as conveniências e facilidades impróprias para o cultivo da existência humana livre e criadora (*Übermensch*) são largamente difundidos. Ao impedir o desdobramento da sensibilidade criadora e das forças instintivas do homem, a moral cristã e o Estado tornaram-se os responsáveis pela criação da “interiorização” e nivelamento do homem. Os homens, em função da mudança, foram obrigados a renunciar aos impulsos primitivos, característicos do dionisíaco, e entregar-se aos alhures da consciência e do cálculo, que se remete ao apolíneo. Afirma Nietzsche, na segunda dissertação da *Genealogia da Moral*, que os homens para as funções mais simples sentiam-se canhestros, “nesse novo mundo não mais possuíam os seus velhos guias, os impulsos reguladores e inconscientemente certos – estavam reduzidos, os infelizes, a pensar, inferir, calcular, combinar causas e efeitos, reduzidos à sua consciência, ao seu órgão mais falível” (NIETZSCHE, 1998, p. 31).

Nietzsche realiza a crítica dos valores morais analisando as representações morais, religiosas e estéticas que constituem as formas de vida e o contexto social que o rodeia. Nesse sentido, podemos apontar a seguinte pergunta: qual o diagnóstico suscitado por esta crítica? Assim como o autor nos afirma a vitória das forças reativas no desenvolvimento histórico do pensamento, do cristianismo e da cultura, também os estabelecimentos de ensino da Alemanha no século XIX, a saber, o ginásio, a escola técnica e a universidade, com sua formação embasada na educação erudita, ou seja, historicista, é considerada

² Na segunda dissertação de *Genealogia da Moral*, Nietzsche explica que o encerramento do homem à sociedade de paz está relacionado ao instinto gregário e ao surgimento da *má consciência*: “Aqueles terríveis bastiões com que a organização do Estado se protegia dos velhos instintos de liberdade – os castigos, sobretudo, estão entre esses bastiões – fizeram com que todos aqueles instintos do homem selvagem, livre e errante se voltassem para trás, contra o homem mesmo [...] Esse homem que, por falta de inimigos e resistências exteriores, cerrado numa opressiva estreiteza e regularidade de costumes, impacientemente lacerou, perseguiu, corroe, maltratou a si mesmo, esse animal que querem ‘amansar’ [...] tornou-se inventor da ‘má-consciência’” (Cf. NIETZSCHE, 1998, p. 31).

como mais uma instituição que domestica e administra o homem. No entanto, deixemos a temática da educação erudita e do sistema educacional alemão no século XIX para o nosso próximo ponto a ser tratado e voltemos a problematizar a crítica aos valores morais e de como a *transvalorização dos valores* conduziu ao “instinto gregário”, ou seja, ao rebaixamento do homem. Mas qual seria, então, a forma constitutiva desse processo de rebaixamento? A forma do *niilismo*. Em Nietzsche, o niilismo, se desenvolve a partir da análise profunda da constituição da cultura judaico-cristã. Vejamos, a seguir, quando Nietzsche se refere à constituição da rebelião escrava na moral:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este Não é seu ato criador [...] sua ação é no fundo reação. (NIETZSCHE, 1998, p. 10).

Podemos perceber, com isso, que a questão do niilismo implica numa análise do problema do ressentimento. Para Nietzsche, o ressentimento faz parte do regime afetivo do ser humano, de modo que, desde a Antiguidade, o homem teria convivido com um impulso reativo que, diante da sua impotência para agir contra o desprazer e os inimigos, fantasia uma reação imaginária. Segundo Jean Lefranc, observando as análises genealógicas de Nietzsche, não seria possível explicar o ressentimento e o desenvolvimento da moral dos escravos sem estes dois fenômenos: a *sedução* e o *efeito gregário*. O primeiro, a sedução, desempenha um papel considerável nas análises de Nietzsche em alternativa com as relações diretas de domínio: “Ela é freqüentemente simbolizada pela mágica Circe que na *Odisséia* de Homero transforma em animais os companheiros de Ulisses que ela havia atraído ao seu palácio. A sedução está por toda parte, nas metamorfoses da vida, nos múltiplos charmes do belo [...]” (LEFRANC, 2008, p. 153). Por

isso mesmo, podemos dizer que a sedução é aparência, dissimulação consciente ou não. O segundo fenômeno, o instinto gregário, que é formado, essencialmente, a partir de uma dupla relação: com o chefe, o condutor, de um lado, e entre os membros da multidão, de outro lado,

[...] é próprio aos escravos, pertence à mesma esfera de significado que a ‘vontade de igualdade’, que é uma forma intelectualizada no ideal democrático [...] O instinto gregário supõe a dualidade dos senhores e dos escravos, assim como o rebanho supõe o pastor” (LEFRANC, 2008, p. 153-154).

Nestes termos, como elementos constituintes da problemática do niilismo, encontramos a diferenciação entre moral nobre e moral escrava e a questão do ressentimento como gerador de valores. A moral nobre, de acordo com Nietzsche, se define pela ação e criação, enquanto a moral escrava é caracterizada pela inércia e pela conservação. O que diferencia a moral nobre da moral escrava é o fato de que a moral nobre cria valores enquanto a moral escrava é, necessariamente, uma moral da utilidade que se constitui de valores compartilhados por todos participantes da cultura decadente. Esta cultura, do ponto de vista socrático e judaico-cristão que, segundo a hipótese de Nietzsche, opera como instrumento de domesticação, possui a função de amestrar o animal de rapina homem, reduzi-lo a um animal manso e civilizado, doméstico (Cf. NIETZSCHE, 1998, p. 10), para fins de simples coexistência. Tal diferenciação entre moral nobre e moral escrava tem uma ligação direta com dois tipos de homens diferentes que as criaram: um é o forte, o da moral dos senhores que cria valores a partir de si mesmo. O outro é o fraco, o da moral de escravos, que incapaz de criar valores os inverte, sustentando-se na perspectiva da igualdade, caracteriza-se pelo ressentimento e pela negação desta vida em prol de outra. Assim, o homem da moral nobre conquista, domina, mas não se vinga ou recusa a vontade livre e criadora, mesmo quando usa de represálias; sua ação é “espontânea” e aberta, o que quer dizer que ela não tem por origem uma “reação” ao que lhe

é exterior e diferente, uma necessidade de inverter uma inferioridade ressentida.

Segundo Nietzsche, a motivação do tipo forte sempre requer uma atividade robusta, livre e contente: a paixão pela vida, a coragem, a felicidade, a confiança na superioridade, a abundância de potência e o sentido de valor pessoal, uma moral nobre é uma moral auto-suficiente, enquanto o tipo fraco prefere a recusa da ação, a passividade. A lógica da moral do ressentimento reside na negação e oposição. Nietzsche vê na perspectiva ressentida do escravo, uma moral que reprime a vitalidade e a potência do homem diante da existência que envenena, doméstica e enfraquece o homem forte, e vê nessa moral um instrumento terapêutico, que os fracos utilizam para poder suportar a própria vida, o ideal ascético, característica que, para Nietzsche, impediria o desenvolvimento e o brilho do *Übermensch* (o além-do-homem). Trata-se, portanto, de reverter esse processo em direção à uma cultura da auto-suficiência e da força ativa, que considera a dor, o desprazer, os dinamismos de sensibilidade – e também o “desconhecido” e o “estrangeiro” – como elementos importantes de crescimento e de autoconhecimento.

Contexto da Educação Alemã no Século XIX: a Cultura Histórica e a Dimensão do Sentido Artístico e de Criação na Educação

Na concepção de Nietzsche, promover o homem superior, de vontade livre e criadora, deve ser o papel fundamental de uma educação diferenciada. Na análise elaborada pelo autor em relação aos estabelecimentos de ensino de sua época, a Alemanha do século XIX, a educação apresentava uma tendência a padronizar, ou seja, era uma educação cujas principais características estavam centradas no ajuste e na adequação dos indivíduos ao Estado, aos ideais da Ciência e ao interesse dos comerciantes, isto quer dizer que todos deveriam ter o mesmo desempenho porque todos teriam a mesma base no processo pedagógico. Segundo Nietzsche, a educação que os jovens alemães recebem nos estabelecimentos de ensino funda-se numa concep-

ção de “cultura histórica” que, ao privilegiar os acontecimentos e as personagens do passado, retira do presente sua efetividade e desenraiza o futuro.

O objetivo dos setores que promovem o ensino tem como finalidade colocar a cultura e o conhecimento em benefício próprio, o que impede que a tarefa da educação seja o desenvolvimento pleno de todas as potencialidades humanas. Isso, segundo Nietzsche, por interferência de três grandes egoísmos: a) os *comerciantes*, onde preside todo o nosso relacionamento comercial, se visa simplesmente o lucro, o ganho e a produção, típico do espírito do capitalismo que está se consolidando naquela época, ou seja, quanto mais cultura, mais consumo; b) o *Estado*, seu intuito é formar intelectualmente o homem para fazê-lo servir e ser útil às instituições estabelecidas. Representando o espírito público, tende a introduzir, em nível social, uma igualdade de fracos totalmente dominados pelas determinações dos partidos, governos e, de modo mais geral, pela democracia; c) a *ciência*, que a partir do advento da Modernidade, passa a ser sinônimo do único conhecimento válido, vê a cultura apenas como resultado do progresso científico e faz da cultura um modo de ganhar dinheiro atendendo as demandas, desconhecendo os principais valores da existência humana, entre eles, a vontade de potência do homem. O poder dinâmico inerente à humanidade foi sufocado pela tradição cultural racionalista. A autonomia, de acordo com os ideais da pedagogia do Iluminismo, se encontra, exclusivamente, no aprimoramento da razão, pois o “desencantamento do mundo”, aludido pelo sociólogo alemão Max Weber em sua obra, demonstra a consolidação da liberdade, da sociedade esclarecida, igualitária e feliz.

No entanto, Nietzsche nos diz que a autonomia do indivíduo não se constitui apenas pela razão. A emancipação consiste, sobretudo, no crescimento da vontade de potência, na liberdade que se constitui através do impulso dionisíaco e nos dinamismos afetivo, emocional e instintivo, valorizando, com isso, diferentes formas de sensibilidades e a ruptura com o princípio de identidade (consciência de si e consciência moral) “para se sobressair uma consciência de superfície

na multiplicidade da diferença.” (HERMANN, 2005, p. 256). A educação é o ambiente propício para o desdobramento das potencialidades que são inerentes a cada indivíduo e que são sufocadas pela instrumentalidade da razão na cultura contemporânea.

O crescente desprezo pela formação humanística e o aumento da tendência cientificista nas escolas, em outras palavras, a instrução dirigida por questões históricas e científicas e não por um ensinamento prático, o abandono de uma educação que vise à formação de um sentido artístico, enquanto uma abertura da própria verdade não como uma *adequatio*, mas como um acontecimento prático-compreensivo, a ênfase dada à educação profissionalizante com a finalidade de criar pessoas aptas a ganhar dinheiro, tudo isso, na concepção de Nietzsche, impede que a educação se volte para a cultura. Tal conjunto predominante no sistema educacional alemão, no século XIX, encontra-se naquilo que Nietzsche chama de erudição alemã, que significa disjunção entre vida e cultura, prática da *memorização*¹ centrada na formação de homens teóricos. A cultura e sua relação com a educação, na perspectiva nietzscheana, só pode nascer, crescer, desenvolver-se a partir da vida e das necessidades de vida, pois:

Educação e cultura são, para Nietzsche, inseparáveis. Não existe cultura sem um projeto educativo, nem educação sem uma cultura que a apóie. A educação recebida nas escolas alemãs partia de uma concepção historicista e dava origem a uma pseudocultura que nada mais era do que o simulacro de outras culturas. Para Nietzsche, cultura e educação são sinônimos de “adestramento seletivo” e “formação de si”: para a existência de uma cultura, é necessário que os indivíduos aprendam determinadas regras, adquiram certos hábitos e comecem a educar-se a si mesmos e contra si mesmos, ou melhor, contra a educação que lhes foi inculcada. (DIAS, 2001, p. 34).

Em sua conferência *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, com o propósito de restaurar a cultura alemã, Nietzsche examina as estruturas do sistema educacional de sua época, principalmente a ministrada no *gymnasium* (equivale ao antigo ginásio e colegial, hoje 5ª a 8ª séries do 1º e 2º graus do currículo brasileiro), a escola técnica e as universidades. Nietzsche percebe que o Estado e os negociantes são os primeiros grandes responsáveis pela depauperação da cultura, pois, dentro da perspectiva de uma formação gregária, exigiam uma formação rápida para terem, a seu serviço, funcionários eficientes e estudantes dóceis, que aprendam rapidamente a ganhar dinheiro.

Nessa sua análise empreendida, duas tendências mostravam-se nefastas e dominam o sistema educacional e os estabelecimentos de ensino alemães que nada mais fazem do que trabalhar para o enfraquecimento da cultura, a saber: a *ampliação* tanto quanto possível da cultura e a *redução* da cultura. A primeira tendência tem a pretensão de julgar que o direito à cultura seja acessível a todos, todavia é regulamentada pelo dogma da economia política. É a tentativa de universalização da cultura, de sua extensão a grupos cada vez maiores. Para Nietzsche, esta é uma visão utilitária da cultura, pois, está embasada por critérios quantitativos: procura-se estender a educação à maior quantidade de pessoas possível, pois o mercado necessita delas, ou seja, a idéia de que adquirir cultura significaria capacitar os indivíduos a ganhar dinheiro, pôr rapidamente mãos à obra ou então ingressar nos quadros do Estado. A ampliação e o grande número de escolas serviam apenas aos interesses do Estado que vinculava, assim, a formação nos ginásios com a obtenção de cargos. O Estado moderno percebe que se financiar a produção e a difusão da cultura, pode utilizá-la para seus fins. De acordo com Nietzsche, uma educa-

³ Em *Genealogia da Moral*, Nietzsche exerce uma crítica ao indivíduo soberano, senhor de si e ser de consciência e analisa a função da mnemotécnica na longa história da gênese da consciência: O homem, “precisamente esse animal que necessita esquecer, no qual o esquecer é uma força, uma forma de saúde forte, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória, com cujo auxílio o esquecimento é suspenso em determinados casos nos casos em que se deve prometer [...] Como fazer no bicho homem uma memória? [...] Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória – eis um axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia da terra.” (NIETZSCHE, 1998, p. 19-20).

ção que se propõe como finalidade formar alguém para ocupar um cargo de funcionário ou ganhar dinheiro não pode ser chamada de educação para a cultura, mas apenas uma indicação do caminho que o indivíduo deverá percorrer para manter-se vivo (Cf. NIETZSCHE, 2004, p. 104).

A segunda tendência, a redução da cultura, significaria, por sua vez, o enfraquecimento da cultura a uma simples função. A especialização do conhecimento admite a possibilidade de que os indivíduos consagrem sua vida à defesa dos interesses do Estado, e exige que seus servidores procurem uma especialização que conduz à superficialização do espírito, ao entorpecimento do impulso crítico, emancipatório e criador. A esta tendência à especialização soma-se a estreiteza do campo de visão dos cientistas, "sagaz para as coisas próximas, ao lado de uma grande miopia para o longínquo e o geral" (NIETZSCHE, 2004, p. 193). Essas duas tendências vão formando um determinado público medíocre e, conseqüentemente, a vulgarização do ensino e enfraquecimento da cultura, que terá no *jornal* seu ponto de confluência. O jornalista – "o mestre do instante", o "escravo dos três M", a saber: o *momento presente*, as *maneiras de pensar* e a *moda* –, acaba substituindo os verdadeiros mestres da cultura e é, de fato, no jornal que os chamados eruditos, especialistas, irão divulgar seus pretensos saberes para o público. Nessa perspectiva, afirma Rosa Dias que a cultura ampliada, a cultura especializada e a cultura jornalística se completam para formar uma só e mesma incultura. A cultura jornalística escreve sobre artistas e pensadores e vem tomando o lugar deles; lançando por terra sua obra. Mas, enquanto o jornalista vive do instante e graças ao gênio de outros homens, as grandes obras dos grandes artistas emanam do desejo de permanecer, e sobrepujam o tempo pela força da criação. (Cf. DIAS, 2001, p. 35).

Diante deste contexto, e na tentativa de superar sua época, Nietzsche pensava encontrar um filósofo-educador que o ajudasse a educar a si mesmo. Tratava-se de uma educação apta ao cultivo das forças geradoras da vida e de nossa individualidade – frente ao poder do instinto gregário –,

que se caracterizaria mais pelos domínios da *singularização* e do *distanciamento* proporcionados pela criação artística, do que pela pretensão da atitude calculista e cientificista de tudo saber, onde a compreensão da cultura é estruturada pelo conhecimento teórico e representativo. Quando Nietzsche indica a necessidade de encontrar um modelo de educador a seguir, está tratando de um problema que aborda a própria formação do educador, pois, para nosso autor, nas universidades alemãs havia-se adotado um estilo de ensino para a consolidação da "liberdade acadêmica" que privilegia, de um lado, a exposição oral do professor e, de outro, a audição do aluno. "Tal autonomia nada mais é do que a domesticação do aluno para torná-lo uma criatura dócil e submissa aos interesses do Estado e da burguesia" (DIAS, 2001, p. 36) e, mais, atrás dessa autonomia acadêmica: o professor fala; o aluno escuta. A uma relativa distância, está o Estado, lembrando, de tempo em tempo, que deve ser ele o objetivo, o fim e a essência desses procedimentos de fala e de audição.

A imitação a que Nietzsche se refere não é a imitação passiva do "filisteu da cultura". A imitação, para ele, é *ativa*, *deliberada*, *construtiva*, e permite a reconstrução do modelo, a superação de si mesmo. Como preparar o educador? Nietzsche encontra no filósofo Arthur Schopenhauer o modelo de mestre, um exemplo de pensador que havia mantido a coerência entre vida e obra, no dizer do próprio Nietzsche, "o exemplo deve ser dado pela vida real e não unicamente pelos livros." (NIETZSCHE, 2004, p. 150). A educação acontece, portanto, a partir do modelo de vida fornecido pelo mestre e não pela simples transmissão de conhecimento. A imitação, por se tratar de uma força ativa, não se trata de repetir passivamente o modelo, mas de encontrar o que tornou possível a sua criação. Suscita no educando a descoberta de suas próprias potencialidades através do contato com o mestre, aprofundando suas forças e construindo sua autonomia pela imitação criadora: o mestre deve sempre desejar que, numa educação dinâmica, o educando possa superá-lo, tal era a proposta nietzscheana. No entanto, em seu texto, *Escritos sobre educação*, Nietzsche comenta que a educação

moderna havia substituído os verdadeiros educadores que seriam os “modelos ilustres” por uma “abstração inumana” que é a ciência (NIETZSCHE, 2004, p. 145).

Nietzsche não vê a educação como um preparo técnico-científico, na linha da tradição iluminista, e não vê a escola como uma estrutura burocrática, administrativa e gerencial. Podemos perceber o quanto esta concepção nietzscheana influenciou a pedagogia contemporânea a partir da crítica elaborada por Paulo Freire ao ideal de uma educação bancária, embasada na concepção de que ensinar resume-se a transferir conhecimento. Vejamos o que apresenta o educador brasileiro em *Pedagogia da Autonomia*: “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2008, p. 47). Tendo se pautado na personalidade do educador como modelo de mestre e no modelo de escola que não seja uma estrutura formal, burocratizada, de administração da vida, Nietzsche enfatiza a fecundação da vida e a valorização da arte para a formação do espírito superior e criativo. Nessa perspectiva, podemos indicar que a proposta de Nietzsche tem muito mais interesse em desejar que a escola forme um artista e não um cientista e um técnico, porque o artista está vivendo a expressão de sua sensibilidade vital, a criação não a partir de critérios racionais, mas pela capacidade de expressar a partir da pulsão de suas próprias forças. Aliás, isto foi o que também levou Nietzsche a buscar em Schopenhauer uma influência para sua crítica à filosofia universitária no âmbito da cultura histórica e científica. Para Schopenhauer, por exemplo, não existem filósofos nas universidades, mas, ao contrário, professores que vivem da filosofia, interessados em pensar no que seus interesses materiais exigem e no que convém ao Estado.

O esquema acadêmico foi tão bem estruturado pelo Estado que não permite ao professor sofrer com a falta do que dizer em sua disciplina, pois nem o professor nem o aluno pensam por si mesmo. No âmbito da limitação imposta pela educação erudita, que desenraiza a filosofia de todos os problemas fundamentais, as questões históri-

cas introduziram-se de tal modo na filosofia universitária que esta se resume a perguntas como: o que pensa tal ou qual filósofo? Quais os principais acontecimentos históricos no contexto da vida e obra de tal ou qual filósofo? Qual filósofo escreveu tal ou qual frase? Para Rosa Dias, isso significa dizer que “em vez de educar o estudante para pensar e viver filosoficamente, disciplinando-o contra a compulsão do saber, o ensino universitário acaba por desencorajá-lo a ter opiniões próprias em função da massa de conhecimentos históricos que é obrigado a assimilar” (DIAS, 2001, p. 38). E, nas palavras de Paulo Freire, “é por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.” (FREIRE, 2008, p. 33).

Nessa nova proposta de educação e cultura, observamos o cultivo de si como um *adestramento* em oposição à domesticação. A educação é fazer despertar os sentidos para a elevação da cultura; esforço de criação. A finalidade do adestramento não é um indivíduo massificado, fabricado em série ou, ainda, adaptado às condições de seu meio, “[...] mas um ser autônomo, forte, capaz de crescer e partir do acúmulo de forças deixadas pelas gerações passadas, capaz de mandar em si mesmo, alguém que se atreve a ser ele mesmo.” (DIAS, 2003, p. 86). Às instituições de ensino da época de Nietzsche existiam para formar o funcionário, o erudito, o “filisteu da cultura”, enquanto que as necessárias a serem criadas deveriam preparar o nascimento do gênio. Por outro lado, para uma cultura autêntica, pressupõe-se que os estabelecimentos de ensino se voltem para a criação de indivíduos realmente cultos, formados a partir da necessidade interna da fusão entre vida e cultura capazes de exercer toda a individualidade e potencialidade de seu espírito. Considerando o projeto de cultura e de educação da Modernidade um “auto-apequenamento” do homem, Nietzsche pretende indicar a outras possibilidades de elevação do “tipo homem”, as quais implicariam também, como apresentamos anteriormente, um retorno antimoderno à natureza do homem. Segundo Giacoia Jr., “o retorno à natureza nietzscheano só pode ser enten-

dida como *reapropriação* da imensa gama de impulsos e afetos renegados, proscritos, reprimidos, 'caluniados', anatemizados e, quando possível, extirpados pela tradição platônico-cristã" (GIACOIA JR, 2005, p. 81).

Esse caminho afirmativo do homem criador abre uma estética da existência em que a própria obra da vida deve ter a arte como modelo. Autodeterminação, autolegislação e autonomia são idéias presentes no Iluminismo que Nietzsche transforma, subverte e inova enquanto interpretação estética (HERMANN, 2005, p. 266). Desvinculado de uma justificativa racional, a consciência passa a ser não mais que um epifenômeno da vida, um resultado de uma pluralidade de forças que não produz a identidade do sujeito como algo "estático" e "acabado", mas uma criação constante, construtiva, derivada da vontade de potência. Seguindo tal concepção, podemos dizer que Nietzsche inicia um caminho, na história do pensamento ocidental, que indica uma pedagogia da afirmação da existência, um caminho da superação, para um homem que se constrói e que dá sentido à vida. Encontramos no Zaratustra nietzscheano, uma representação do homem que se supera e que se distingue daqueles considerados fracos, que conduzem a vida de forma semelhante à moral de "animal de rebanho". Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche propõe o *Übermensch* (o além-do-homem), aquele capaz de superar o homem e o animal: o homem é uma corda estendida entre o animal e o além-do-homem – uma corda sobre o abismo. Um perigoso passar para o outro lado, um perigoso caminhar, um perigoso estremecer e parar. A grandeza do homem está em ser uma ponte, não um fim: o que se pode amar no homem é que ele é uma passagem e um crepúsculo (NIETZSCHE *Apud* HERMMAN, 2005, p. 261). Enfim, o sig-

nificado do sentido artístico, na educação e no cultivo de si mesmo, proporcionaria a abertura privilegiada do poder-ser, da liberdade e da autonomia do autêntico espírito humano.

Referências Bibliográficas

DIAS, Rosa Maria. Cultura e educação no pensamento de Nietzsche. *Rev. Impulso*, Piracicaba, v. 12, n. 28, p. 33-40, 2001.

_____. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Edição. especial. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GIACOIA, Jr. *Os sonhos e pesadelos da razão esclarecida: Nietzsche e a modernidade*. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.

HERMANN, Nadja. A estética nietzscheana e a subversão da identidade. In: DALBOSCO, Claudio Almir; FLICKINGER, Hans-Georg (Orgs.). *Educação e maioridade: dimensões da racionalidade pedagógica*. São Paulo: Cortez, 2005.

LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche*. 4. ed. Tradução de Lúcia M. Endlich. Petrópolis: Vozes, 2008.

NIETZSCHE, F. Die Geburt der Tragödie. v. 1. In: *Kritische Studienausgabe*. 15v. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. München: Deutscher Taschenbuch Verlag; Berlin/New York: de Gruyter, 1988.

_____. *Escritos sobre educação*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2004.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.